

SVEN NACKSTRAND/EPA

Roxana Saberi ao PÚBLICO

“A fé não as deixa ter medo de morrer”

● O namorado de Roxana Saberi fazia anos a 31 de Janeiro. A sua “rapariga iraniana, de olhos japoneses e nacionalidade americana”, faltou à promessa de saírem juntos porque, este ano, entrou nesse dia na penitenciária de Evin, em Teerão. E foi aqui, numa cela da “secção 209”, reservada aos prisioneiros de consciência, que ela conheceu Mahvash Sabet e Fariba Kamalabadi, duas líderes da comunidade bahá’i detidas desde Março e Maio de 2008, respectivamente.

“Mahvash esteve em isolamento durante os primeiros seis meses e Fariba durante quatro”, relata Saberi numa entrevista que aceitou dar ao PÚBLICO, por e-mail, depois de deixar claro que não falaria da sua própria experiência. Pela sua vívida descrição, não é difícil, porém, perceber que as condições a que foi submetida até à libertação, a 11 de Maio, não foram muito diferentes.

“A cela em Evin tem dois por três metros”, precisou Saberi. “Junto ao tecto havia duas pequenas janelas fechadas, cobertas por placas metálicas com buracos. Uma luz intensa acesa, permanentemente. O chão de cimento estava coberto por um fino tapete castanho. Dorme-se em cobertores sobre o chão. Havia uma bacia, mas, para usar a sanita ou o chuveiro, era preciso pressionar um botão na parede para chamar uma guarda que deixasse ir à casa de banho. Nos primeiros meses, [Mahvash e Fariba] quase não tinham visitas da família. Não tinham caneta nem papel. Apenas os livros islâmicos permitidos pelas autoridades. Só vários meses depois tiveram acesso a outros livros e a um televisor.”

“Não fiquei com a sensação de que

Mahvash e Fariba temessem a morte”, diz a filha do iraniano Reza e da japonesa Akiko. “Pelo contrário, estão dispostas a aceitar o que lhes for exigido para manter a sua fé e o bem-estar da comunidade bahá’i do Irão. Acredito que terem fé e princípios ajuda a que se mantenham espiritual e psicologicamente fortes, apesar das pressões que lhes são impostas e das violações dos seus direitos básicos.”

Da secção 209, “muitas outras prisioneiras entraram e saíram, mas Mahvash e Fariba ficaram para trás”, lamenta Roxana, uma das que conseguiram sair quando o regime percebeu que a condenação internacional pela sua prisão o prejudicava.

Repórter freelance para vários jornais, rádios e cadeias de televisão desde que se mudara para Teerão em 2003, Roxana Saberi foi primeiro acusada de ter comprado uma garrafa de vinho e depois de trabalhar sem credenciais. Em Abril, surgiu a

acusação de espionagem e a condenação a oito anos de cadeia. A 11 de Maio, a sentença foi reduzida, após um recurso, para dois anos de pena suspensa. Quatro dias depois, deixaram-na partir para os EUA. Entre a primeira sentença e a libertação fez uma greve de fome de duas semanas, que terminou com o internamento numa clínica.

Roxana, de 32 anos, Miss Dakota 1997 e quase Miss América 1998, já estava há dez dias em Evin quando a deixaram contactar o pai. Foi o pai que informou o namorado, o cineasta Bahman Ghobadi, a quem ela mentira, num telefonema abruptamente interrompido, dizendo que faltara à sua festa de anos porque precisara de ir a Zahedan. Ele, cujos filmes se vendem no mercado negro depois de banidos, seguiu-a até Zahedan, mas não a encontrou. Foi então que decidiu escrever uma carta aberta ao regime: *Shame on you; shame on us.*



A jornalista esteve presa com duas líderes bahá’is

Perseguições começaram no século XIX

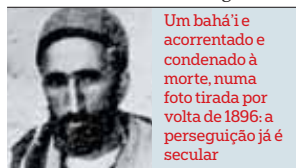
Mais de 20 mil mortos em 150 anos

● Os bahá’is são perseguidos no Irão desde que a sua religião foi fundada em 1844, mas a revolução islâmica de 1979 parece ter feito da extinção desta comunidade – cerca de 300 mil pessoas – um dos seus objectivos ideológicos, negando-lhe os mais básicos direitos de cidadania.

As perseguições começaram com Báb, o primeiro profeta, várias vezes preso até ser fuzilado, em 1850. O sucessor, Bahá’u’lláh, foi preso e forçado ao exílio: morreu na Palestina Otomana, em 1892. Para os muçulmanos xiitas do Irão, a ideia de que poderia haver “mensageiros de Deus” depois de Maomé era uma “heresia”.

Se os bahá’is foram responsáveis por revoltas contra a dinastia Qajar, incluindo uma tentativa de assassinio do xá Nasir al-Din Shah, em 1852, com Bahá’u’lláh adoptaram uma filosofia de obediência e lealdade ao Governo. A nova religião continuou, porém, a ser vista como uma ameaça teológica (e política) ao xiismo.

De 1917 a 1979, sob o reinado do primeiro xá Pahlavi, Reza Khan, os bahá’is não eram autorizados a ter as suas escolas e os funcionários públicos foram despromovidos ou despedidos. Os casamentos dos bahá’is não eram reconhecidos – os casais podiam ser presos por adultério e os filhos considerados “ilegítimos”.



Um bahá’i é acorrentado e condenado à morte, numa foto tirada por volta de 1896: a perseguição já é secular

Com a chegada ao poder do *ayatollah* Khomeini, os bahá’is foram acusados de “associação ao regime do xá, colaboração com a polícia secreta SAVAK, oposição à revolução islâmica e espionagem a favor de Israel.”

À acusação de serem “heréticos” e “inimigos do islão”, os bahá’is lembram que a sua fé é reconhecida co-

mo religião independente, até por juristas muçulmanos. Quanto a serem “agentes do sionismo”, insistem que ela se baseia no facto de o seu profeta, Bahá’u’lláh, estar sepultado no monte Carmelo, onde morreu em exílio forçado – quando Israel ainda não existia –, e de a sede internacional (Casa Universal da Justiça) funcionar em Haifa. Face à acusação de estarem “envolvidos em substituição”, lembram que os seus rituais de casamento não são reconhecidos e por isso as mulheres bahá’is são tratadas, pelo Governo, como “prostitutas”. Quanto à acusação de “adultério e imoralidade”, vêem-na como a recusa em aceitar uma religião que defende a igualdade entre homens e mulheres e não aceita a segregação.

Desde a revolução islâmica de 1979, pelo menos 200 bahá’is foram mortos ou executados no Irão, elevando para mais de 20 mil as vítimas das perseguições iniciadas há 150 anos. **M.S.L.**

O que está a mudar na mobilidade?



VANESSA FERNANDES, Atleta

‘Ando muito pouco de carro, porque a minha vida permite que tenha tudo ao alcance de uma corrida.’

● Considera-se um nómada ou um sedentário?

Uma nómada, porque estou sempre a viajar de um lado para o outro para competir.

Há uma tendência para a imobilidade? (sedentarismo, internet...)

Sim, acho que sim, por isso precisamos de mais gente a praticar desporto para combater o sedentarismo e as horas passadas na internet.

Que práticas de mobilidade utiliza/advoga/gostaria de ver realizadas?

Corro muito e em todo o lado, é uma boa maneira de mobilidade. Gostaria que fossem construídas mais infra-estruturas próprias para a corrida e para as pessoas andarem de bicicleta porque isso trariam muitos benefícios.

Como imagina a mobilidade daqui a cem anos?

Quero acreditar que já teremos gerações mais preocupadas e mais estruturas no país que promovam a mobilidade.

A facilidade/dificuldade com que imaginamos a nossa mobilidade é formativa do próprio homem como espécie?

Cada vez mais somos educados para nos isolarmos, pelas distrações que temos no nosso dia-a-dia (televisão, internet). Acho que é uma questão de reeducação e de reforços positivos para uma mobilidade positiva.

Que pensa da partilha de carro? Partilha o seu carro com alguém?

É uma pequena acção que pode influenciar positivamente uma série de aspectos: pessoais, profissionais e ambientais. Ando muito pouco de carro, porque a minha vida permite que tenha tudo ao alcance de uma corrida.

Mais informação sobre partilha de carros através da plataforma Galpshare em

energia **positiva**.pt



PUB